

## AGRADECIMENTOS

Vamos falar disto como se existisse.

Quando pensamos em nuvens, pensamos numa série de coisas. Cada um de nós.

Talvez seja essa a natureza da própria coisa-nuvem, ou a imagem mais concreta da metamorfose. A nossa predilecção por nos deitarmos no chão e olhar para cima para entrever criaturas e coisas já vem desde cedo, imortalizado por Shakespeare numa das suas peças. Também as nuvens de Aristófanes, o comediógrafo grego, são também um marco importante na literatura e na comédia das ideias – nesta peça o coro são nuvens e as nuvens são o coro que comentam tudo o que acontece na peça - como vemos não estamos a divagar, não estamos perto mas já estivemos mais longe do que vos venho falar.

Para mim, cuja nuvem vem passando desde sempre sobre essa ilha cada vez mais isolada que é a cultura anglo-saxónica, as nuvens sempre estiveram ligadas a John Constable, o seu pintor por excelência (e o seu companheiro geracional Goethe, que teve a grande irreverência romântica, diria até poética, de tentar teorizar sobre algo que não estando entre nós está entre nós, ou melhor, acima de nós - e ainda Nietzsche estava longe do outro lado do século. Há uns anos a esta parte, tive oportunidade de publicar uma ampla tradução de um poeta americano do nosso tempo, Billy Collins, também ele um poeta de nuvens, ou direi, nas nuvens - como aparenta ser agora HMP - mas a antologia não saiu com o seguinte poema que me apraz agora repescar para todos:

### O Estudante de Nuvens

“As emoções são para ser encontradas nas nuvens  
não nos penedos verdes que são as colinas íngremes  
ou ainda nas assinaturas cinzentas dos rios,”  
defendeu Constable, que era um estudante de nuvens,  
e encheu prateleiras com cadernos de desenhos com os seus movimentos,  
os seus gestos elevados e a sua directa implicação na meteorologia.

Fora de portas, deve tê-las observado milhares de vezes,  
o seu lápis tentando acompanhar o ritmo do seu altaneiro caminho  
e a agitação silenciosa do seu fluxo e refluxo.

As nuvens mover-se-iam para lá das linhas que ele desenhava  
à medida que elas se moviam dentro de si, tropeçando no seu centro  
e rodopiando em vapores nas margens ardentes  
para dissipar-se no azul universal do céu.

Hoje em dia, podemos congelar todo este movimento através da fotografia  
o tempo suficiente para as rotular dos seus nomes latinos -  
Cirrus, nimbus, stratocumulus -  
intranquilas, românticas, autoritárias -  
elas carregam os seus títulos sobrevoando as escolas lá em baixo  
onde as suas formas e os seus significados são memorizados.

Lá no alto das telas, em azul suave, de Constable  
elas estão presas com tinta, mas na sua imobilidade  
parecem mover-se, sob o vento do seu pincel,  
saindo cada vez mais da Inglaterra do século XIX  
e velejando sobre estes bosques nos quais eu caminho,  
de testa lisa, sob esta cúpula de movimento,  
com os meus pensamentos dispostos como a tinta num  
tecto alto e azul.

Pintar o abstracto é poesia, mas ser estudante de nuvens ganha o pódio. Nada  
de mais verdadeiro aqui, neste livro.

A única coisa eterna são as nuvens, diz Mário Quintana no início de Nubes. É  
uma palavra forte, a eternidade, uma palavra falsa, como a linguagem, de  
resto, sobretudo quando aplicada à arte. As imagens de Flávio Andrade  
registam o que não ficará no céu eternamente, mostrando à frente dos nossos  
olhos o que sabemos desde a teoria da fotografia de Barthes sobre o punctum  
instantâneo: o momento que nos toca, aquele milésimo de segundo, é que  
conta e faz a fotografia. É corajoso, o esforço, porém, como será sempre o do

fotógrafo de paisagens, o de resgatar para nós um momento por ele registado e que sabemos à partida não será eterno. E tem o seu lado de acaso, e tem o seu lado de cálculo, que nada mais é do que o acaso estudado. Um esforço talvez de iconoclastia que se aparenta ao do Goethe quando decidiu teorizar sobre o fenómeno meteorológico.

Em mais do que uma destas fotos, a ideia que ocorre é exactamente a da metamorfose com que comecei. Longe de tentar ser fiel ao que vê, o fotógrafo dá a ver como vê: a metamorfose do seu olhar fá-lo optar por preto e branco, dando dignidade ao seu objecto, mas produzindo também outro efeito - quer o olhemos de longe ou de perto: afinal que formas são estas, o que nos diz este movimento? Será uma dança entre a água e o vento? Não quero e não devo dar a resposta que cada um vai decerto encontrar dentro de si.

No entanto, fico a perguntar-me: porquê *nubes* e não *nuvens*. Penso que a escolha da etimologia tem de ser ligada ao facto de estarmos perante um livro de arte, de fotografia e poesia; é uma opção etimológica que vem para contornar a falsidade das palavras. *Nubes* vai da *nuvem* à *tristeza*, que é algo muito longe de andar nas *nuvens*, que é o oposto da *cloud 9* dos ingleses. Triste, melancólico, perturbado, até cego, o poeta (normalmente não *nubente*, isso sim uma variante mais feliz desse radical em latim) habita a *escuridão*, quem sabe as *trevas*, num véu que passou com a *tempestade*. Será este o estado de espírito do poeta? Uma das mais belas passagens do livro do *desassossego*, do mesmo Fernando Pessoa que finda este livro, remete-me para aí – cito só uma parte da entrada:

“[...] *Nuvens*...Interrogo-me e desconheço-me. Nada tenho feito de útil nem farei de justificável. Tenho gasto a parte da vida que não perdi em interpretar confusamente coisa nenhuma, fazendo versos em prosa às sensações intransmissíveis com que torno meu o universo incógnito. Estou farto de mim, objectiva e subjectivamente. Estou farto de tudo, e do tudo de tudo. *Nuvens*...São tudo desmanchamentos do alto, coisas hoje só elas reais entre a terra nula e o céu que não existe; farrapos indescritíveis do tédio que lhes imponho; névoa condensada em ameaças de cor ausente; algodões de rama

sujos de um hospital sem paredes. Nuvens... São como eu, uma passagem desfeita entre o céu e a terra, ao sabor de um impulso invisível, trovejando ou não trovejando, alegrando brancas ou escureando negras, ficções do intervalo e do descaminho, longe do ruído da terra e sem ter o silêncio do céu. Nuvens... Continuam passando, continuam sempre passando, passarão sempre continuando, num enrolamento descontínuo de meadas baças, num alongamento difuso de falso céu desfeito.”

Como vemos, passei assim rapidamente a estes poemas, como uma nuvem, sem sequer notar que já estava noutra céu. E tal como uma nuvem, nestes poemas de Nubes só aparentemente nada se passa. Aliás, volto atrás, ao poeta, em vez de partir já para os seus poemas. Há para mim nos poemas de Helder Moura Pereira sempre um enigma que passa. Pude constatar essa minha percepção há pouco tempo, noutra ocasião em que reli todos os seus livros. Um enigma pode ser uma coisa boa, não me entendam mal. Um enigma é o que se pretende da poesia, não 'atá-la a uma cadeira para lhe arrancar uma confissão', como disse um dia Billy Collins noutra poema.

Poderão dizer-me que isso é muito pouco para dizer da poesia de um poeta, mas creio que não. No oposto do enigma do discurso poético temos um discurso aberto e quotidiano das coisas normais e que de tão factuais e pragmáticas nunca serão dessa natureza (poética). Mas claro, aqui também a linguagem me trai, mordo a língua: conta sempre a intenção do autor: pode haver discurso poético com coisas factuais e pragmáticas caso isso lhe assista enquanto criador e o depois consiga usá-las naquilo que quer dar a ver, tal como nas fotografias que aqui estão do Flávio Andrade. Essa é a memória mais terna que tenho da poesia de HMP, que cedo comecei a ler: ele abriu uma porta dentro de mim que me permitiu mais tarde aceder ao fazer da poesia (para tocar num título de Ted Hughes que o poeta traduziu assim) um fazer da poesia que leria mais tarde nos poetas ingleses, in loco, sob o céu inglês de Constable e também de Turner, já agora, outro poeta-pintor de nuvens que num dos poemas deste livro timidamente aparece:

Sim, dizes bem, posso ver  
o que quiser, a nascente

e o movimento da água,  
borrões de Turner, o focinho  
grande de um cão, a papoila  
sem os seus vermelhos.

E, no limite, o campo aberto  
de um sonho realizável -  
ou seja, a luz que existe  
quando tudo parece perdido,  
a luz que não nasce da luz,  
a luz de dentro da sombra.

Vou ler de novo para que fixemos este momento uma vez mais:

a luz que não nasce da luz,  
a luz de dentro da sombra.

De novo as sombras e as calmas, caro Helder, a sombra sempre presente no  
reverso da luz, caros amigos. Para vermos a luz temos de conhecer a  
escuridão.

Estes poemas inscrevem-se naquilo que considero ser uma linha dramática ou  
teatral na última poesia de Helder Moura Pereira: se a início o enigma vai  
sendo posto num texto em que dialoga sobretudo consigo, nos últimos livros,  
talvez desde Lágrima, 2002, a depuração natural de poeta vai levá-lo a falar  
directamente com outrém, como se nota no exemplo que acabei de dar. E com  
ele, podemos ver no poema, na nuvem 'o campo aberto de um sonho  
realizável'.

O que mudou não é da ordem da explicação, nem minha nem de quem o  
escreveu. Não se pedem explicações aos poetas.

Vou agora por outro lado. Estes poemas também podem ser lidos no sentido  
contrário das fotografias com as quais dialoga: encontramos a tal facticidade  
diária em referências muito concretas como no nome de lugares e ruas  
(António Augusto de Aguiar, Largo da Nespereira). Autobiografia, poderia  
perguntar? Não, facticidade. Mas 'de facto' só mesmo o nome de ruas, a  
verosimilhança, ou seja, um golpe de teatro com que o autor prende o leitor. E

não encontro melhor e mais conciso exemplo de tudo o que tenho dito, como aqui:

Há nuvens e não há nuvens.  
Cai, intensa, a chuva do céu,  
e tudo tapa. Sobe, veloz, a água  
do mar, e tudo alaga. Falo então  
e digo que já me deixaste, embora  
estejas. Em voz baixa, mas ouviste.  
Para hoje um aviso da cor  
do teu sorriso: amarelo.

A todos os títulos, estas palavras resumem o livro: Veja-se: Há nuvens e não há nuvens: o primeiro verso atesta logo a natureza física do objecto (quem sabe até da própria poesia), e depois dois movimentos contrários mas convergentes: a chuva que cai, tudo tapa, o mar que sobe, tudo alaga. E então o objecto é introduzido como nuvem: está e não está presente com o eu poético. O final conclui com um apontamento quotidiano que não é comic relief, é só poesia: se tal como nas nuvens o branco é cor ilusória, simplificação linguística em nome do entendimento, porque não podemos ver cores nas caras das pessoas, no seu semblante?

Espero, por último, não ter falado demais do texto poético face ao texto fotográfico. Aqui é de diálogo que se trata, dois logos, e este livro deve ser de dois autores, os criadores dos dois textos. Não sabemos nem precisamos de saber qual dos dois veio primeiro. Creio que isso faz parte do enigma das melhores núpcias. Nubentes e brancos como nuvens.

Ricardo Marques  
Novembro de 2018